

## **IDOSO: DO VELHO AO NOVO PROTAGONISTA SOCIAL**

### **Resumo:**

O Brasil registrou, entre 1960 e 2002, um aumento de 500% no número de pessoas idosas e as projeções demográficas para 2010 são de 32 milhões de idosos, colocando o Brasil entre os primeiros do ranking mundial dos países com maior número de idosos, dando lugar a um novo protagonista social. Observa-se que o crescimento demográfico acelerado está pautado numa sociedade onde o sistema de lógica capitalista, quase sempre desvaloriza, subestima e exclui os seus idosos. A definição de idoso, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), se dá pelo critério cronológico no qual pessoas com idade acima de 60 anos são agrupadas sob categorias de idosas nos países em desenvolvimento.

A maneira como a sociedade entende a velhice e lida com o idoso é de alguma forma o resultado de representações construídas ao longo do tempo. É dessa forma que o idoso aceita a si próprio e o seu processo de envelhecimento, conforme aquilo que é simbolizado no seu contexto sociocultural. Apesar de todas as conquistas que o segmento idoso vem atingindo nos últimos anos, através de sua representatividade e das concepções de envelhecimento ativo, alguns pontos ainda precisam avançar. Precisamos rever os estereótipos, preconceitos e atitudes que levam a sociedade à imagem de velhice negativa. Não podemos esquecer que somos seres sociais e, portanto, precisamos e vivemos com várias gerações em família ou na sociedade. Se as estatísticas mostram o idoso como um novo protagonista social, precisamos nos preparar para isso.

A desqualificação do idoso muitas vezes começa pela própria família, sendo ela a principal instância entre ele e a sociedade. Apesar da formalização de que a família se constitui a primeira e a principal instância social responsável pelo idoso, muitas vezes, é ela própria que pratica a exclusão de seu velho (MENDES, 2012). Ainda segundo Oliveira (2002, p. 46) “um aspecto marcante é o da ansiedade e impaciência características da sociedade atual. Diante dessa neurose da velocidade, torna-se incompatível e até perda de tempo aceitar um ritmo mais lento por parte dos idosos”. Assim, é mais cômodo realizar uma atividade do que possibilitar que o idoso a faça. O envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Tais alterações são gerais, podendo se verificar em idade mais precoce ou mais avançada e em maior ou menor grau, de acordo com as características genéticas de cada indivíduo e, principalmente, com o modo de vida de cada um.

O “ser velho” representa um conjunto de atribuições e modificações negativas que estão ligadas ao conceito clássico de velhice. No imaginário social o velho está inteiramente associado à estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social; imagem negativa do aposentado, significando um final de vida, falta de capacidade pessoal e a exclusão da rede produtiva; pessoa que necessita de cuidados, sem força, sem vontade, sem vida, doente, incapacitado e que por todos esses motivos fez opção pela passividade.

Percebe-se então que a educação possui um caráter de transformação, ultrapassando a mera ideia de transmissão de informações. Nesse sentido, parafraseando Piconez (2002), a educação instrumentaliza crítica e criativamente, tendo em vista a inovação da realidade. Desta maneira, observa-se o quanto o processo educativo permite um estágio de mudanças, independentemente da idade. Nesse âmbito, “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma ressignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si” (CASTRO, 2001, p. 68). Desta maneira, a educação é um importante meio de transformação e valorização destas pessoas.

Portanto se quisermos para a nossa sociedade uma velhice bem-sucedida, devemos observar a ordem moral, ética e subjetiva que o envelhecimento carrega. A responsabilidade é de todos nós, no tempo de valorizar o idoso, de trabalhar para que a sociedade brasileira possa resgatar a cidadania de quem está envelhecendo; do longo que, embora tenha algumas ou muitas limitações físicas ou dificuldades materiais, tem conhecimento, história de vida, grandeza de espírito e força interior.

O tema abordado estará presente nos atendimentos psicossociais nos diversos serviços de redes assistenciais e nos consultórios de psicoterapia, surgindo como um conflito relacionado com transição da passagem para a fase adulta para a velhice. Ficando aqui a proposta de se pensar em ampliar esta temática devido ao grande número de idosos que ainda não estão protagonizando a sua história, e ainda estão presos a tão estigmatizada velhice e os aspectos que lhe acompanham. Este fato demonstra a importância de estudos acerca do modo como os idosos e suas vivências são representados na sociedade. Sendo assim, o trabalho proposto teve principal objetivo analisar a representação. Mudanças sociais fazem-se necessárias para a adequação a esta realidade, a fim de protagonizar o idoso e observar a ordem moral, ética e subjetiva que o envelhecimento carrega.

Maria Eliane Souza de Oliveira e Regilene Gilmar de Santana

Psicóloga

CRP - 02/18274

Publicado em anais do 4º Congresso Internacional de Envelhecimento Humano – Ano 2015